



Problematisando o espaço privado em *Becos da Memória*, de Conceição Evaristo

Questioning the private space, in *Becos da Memória*, by Conceição Evaristo

Mirian Cristina dos Santos¹

Resumo: À luz dos apontamentos teóricos de Glissant (2005) e Halbwachs (2003), neste artigo associo a atuação intelectual da escritora afro-brasileira Conceição Evaristo à “política do cotidiano” (HOOKS, 1995), para analisar em *Becos da Memória* a representação do espaço privado e a rearticulação de memórias individuais e coletivas.

Palavras-chave: *Becos da Memória*; escrita; violência; espaço privado.

Abstract: In light of theoretical approaches of Glissant (2005) and Halbwachs (2003), in this paper I associate the intellectual action of afro-brazilian writer Conceição Evaristo with the concept of the "everyday politics" (HOOKS, 1995), to analyze, in *Becos da Memória*, the representation of the private space and the re-articulation of individual and collective memories.

Key words: *Becos da Memória*. writing. violence. private space.

Introdução

O livro *Becos da memória* (2006), de Conceição Evaristo, é elaborado a partir da junção de histórias vividas por moradores de uma favela. Maria-Nova, narradora-personagem, será a grande articuladora da narrativa, uma vez que será a menina que recontará as histórias dos diferentes personagens em uma história coletiva. Nesse sentido, a formação de Maria-Nova se constituirá mediante lembranças de velhos e de novos moradores da favela. As histórias de sua família também serão fundamentais neste processo, já que Totó e Maria-Velha narravam para a menina suas experiências.

Nesse processo, as reflexões de Edouard Glissant (2005), a partir da imagem do “homem nu”, serão imprescindíveis para repensar a condição dos descendentes de africanos, que chegaram a América “despojados de tudo, de toda e qualquer possibilidade, e mesmo despojados de sua língua” (GLISSANT, 2005, p. 19), contando apenas com suas memórias. Assim, a partir de uma atualização, já que a História escrita dos afro-brasileiros enquanto sujeitos também é inexistente na historiografia literária e história oficial brasileiras, a memória oral também passa a ser um elemento imprescindível na articulação dessa narrativa. Uma vez que é por meio das narrativas de

¹ Doutoranda em Letras, Estudos Literários, na Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF), Mestre em Letras, Teoria Literária e Crítica da Cultura, pela Universidade Federal de São João del-Rei (UFSJ).

memória que o leitor conhecerá as histórias das personagens, a questão memorialística e a reconstituição da história a partir da oralidade são de suma importância para a leitura de *Becos da Memória*, já que o texto é tecido a partir do entrelaçamento de narrativas da favela. No livro, memória individual e coletiva (HALBWACHS, 2003) possibilitam a reconstrução do passado por meio da narradora-personagem Maria-Nova, que é interpelada a reunir e tecer a história dos seus.

Nesse sentido, considerarei a obra *Becos da Memória* a partir de um viés memorialístico e discutirei acerca da luta por participação e transformação político-social empreendida pela escritora afro-brasileira Conceição Evaristo. Para isso, ao analisar a referida obra, considerarei, sobretudo, o modo como mulheres da favela ocupam espaços privados na narrativa. Consoante uma proposta de análise desses espaços, lembro o mote da luta feminista por emancipação de que “o pessoal é político”. Assim, para essa leitura considerarei a importância de repensar os espaços privados, juntamente com suas implicações nos comportamentos e atitudes de mulheres negras. Isso porque acredito que dentro de seus lares, em suas comunidades, no espaço privado, nas relações interpessoais e familiares, mulheres negras sofrem uma opressão de gênero e étnica constante, intensa e insidiosa. Essa opressão afetaria sobremaneira as suas formas de atuação social, bem como a busca por transformar o espaço público e a sociedade brasileira. Nessa perspectiva, devido a questões socioculturais e de formação, a produção da mulher negra intelectual seria marcada por sentimentos, questionamentos e violências – o que a escritora Conceição Evaristo (2007) apontou como “escrevivência”.

Atualmente há algumas considerações pontuais acerca da mulher negra enquanto escritora. Nessas análises são detalhadas certas reivindicações dessas mulheres para a sua inserção na sociedade brasileira: “Desejam produzir, circular e legitimar-se no campo dos saberes ligados à tradição ocidental e, por outro lado, produzir, fazer circular pensamentos que evidenciem uma visão crítica desses saberes” (SOUZA, 2010, p. 184). Ainda de acordo com Florentina Souza, essa luta por um lugar no espaço cultural brasileiro leva a uma necessidade de “investir contra um dos principais motes ideológicos do pensamento ocidental: a discriminação e a exclusão”. (op. cit.). Tal questionamento, necessário e legítimo por intelectuais negros, de forma geral, leva a discussão para questões mais amplas, uma vez que a restrição do espaço ocupado e reservado ao negro na sociedade brasileira fica em evidência. Assim, em torno dessa questão, temas como alfabetização, emprego, moradia, representação e autorrepresentação afloram na literatura afro-brasileira.

Bell Hooks, a partir dos estudos de Terry Eagleton, observa que o “intelectual é alguém que lida com ideias transgredindo fronteiras” (1995, p. 468). Tratando-se especificamente da mulher intelectual negra, Hooks afirma que os trabalhos dessas mulheres raramente são reconhecidos como atividades intelectuais, pois, quando se pensa em intelectuais negros, quase sempre apenas a vida e as obras de homens são lembrados, mesmo que mulheres negras tivessem ocupado papéis relevantes em suas comunidades, enquanto professoras, críticas, entre outros. Dessa forma, o anseio por mudanças na forma de considerar a produção intelectual da mulher afro-brasileira se faz presente.

Considerando que transpor barreiras exige a demarcação de um território e um posicionamento político, nesse texto associo a atuação intelectual da escritora afro-brasileira Conceição Evaristo à “política do cotidiano” (HOOKS, op. cit), para analisar em *Becos da Memória* a representação do espaço privado e a rearticulação de memórias individuais e coletivas. Isso por meio do olhar atento de Maria-Nova para o cotidiano da favela, mediante o qual a narradora-personagem buscará compreender sua realidade, almejando dias melhores, em um ato político empreendido através da escrita.

Maria-Nova: “É preciso ter os ouvidos, os olhos e o coração abertos!”

Maria-Nova, conforme o seu próprio nome sinaliza, seria portadora de uma nova história. Ouvia as narrativas da favela com muita atenção: “Ela precisava ouvir o outro para entender” (EVARISTO, 2006, p. 53)². E nesse processo de aprendizagem, suas vivências faziam da favela a dita escola-mundo, tão importante para o processo de aprendizagem.

Sendo assim, foi a partir das muitas histórias ouvidas que Maria-Nova sentiu-se confrontada na escola com um discurso histórico em que o negro é referenciado como um vencido, um escravo ou apenas como objeto. Nesse processo de aprendizagem, a menina não se sente representada na narrativa contada pela professora.

Duas ideias, duas realidades, imagens coladas machucavam-lhe o peito. Senzala-favela. Nesta época, ela iniciava seus estudos de ginásio. Lera e aprendera também o que era casa-grande. Sentiu vontade de falar à professora. Queria citar como exemplo de casa-grande, o bairro nobre vizinho e como senzala, a favela onde morava (BM, p. 70).

² Doravante o texto será referenciado como BM, seguido do número da página.

Esse incômodo com a história narrada, tão desarticulada da realidade, faz com que a menina “forjada a ferro e a fogo” relacione a condição do negro na senzala no século XIX com a situação dos moradores da favela, criando a relação favela-senzala. No entanto, ao perceber a crueldade, a dureza de sua reflexão, não consegue compartilhar com seus colegas a necessidade da escrita de uma história nova, já que em sua classe havia apenas duas meninas negras, e a outra, também Maria, “escutava a lição tão alheia como se o tema escravidão nada tivesse a ver com ela” (BM, p.70).

Fitou a única colega negra da sala e lá estava a Maria Esmeralda entregue à apatia. Eram muitas as histórias, nascidas de uma outra História que trazia vários fatos encadeados, consequentes, apesar de muitas vezes distantes no tempo e no espaço. Pensou em Tio Totó (...). Pensou em Maria-Velha (...). Pensou em Negra Tuína, em Filó Gazogênia, em Ditinha. Pensou em Vó Rita, na Outra e em Bondade. Pensou nas crianças da favela (...). Pensou em Negro Alírio e reconheceu que ele agia querendo construir uma nova e outra História. Maria-Nova olhou novamente a professora e a turma. Era uma História muito grande! Uma história viva que nascia das pessoas, do hoje, do agora (BM, p. 137-138).

Sendo assim, será a partir das narrativas orais e da observação constante do cotidiano dos moradores da favela que Maria-Nova interpretará a realidade do negro naquele contexto, uma vez que sua realidade de constante falta repetia uma história iniciada há séculos atrás. No entanto, por estar viva ainda almejava mudanças.

A interpretação de Maria-Nova só foi possível mediante uma educação diferenciada, não disciplinar, do olhar e do ouvido, ministrada por Tio Tatão. Esse personagem interpelou a menina sobre suas responsabilidades enquanto afro-brasileira: “a sua vida, menina, não pode ser só sua. Muitos vão se libertar, vão se realizar por meio de você. Os gemidos estão sempre presentes. É preciso ter os ouvidos, os olhos e o coração abertos” (BM, p. 103).

Ditinha: Violência social e étnica

Na análise do cotidiano das mulheres da favela, algumas considerações acerca da escrita da mulher afro-brasileira devem ser pontuadas. De acordo com Figueiredo (2009),

certamente a questão de gênero tem influenciado as reflexões acerca da literatura produzida pelas mulheres negras, uma vez que a história delas é marcada por uma série de violências: étnica, social e de gênero. Sendo assim, a militância dessa mulher, pertencente a três grupos historicamente subalternizados distancia-se do movimento feminista da mulher branca, já que “as mulheres negras tinham (ou têm) que se desvencilhar de uma variedade de estigmas que correlacionam a cor e a trajetória histórica com inferioridade” (ALVES, 2009, p. 61).

Essa estereotipização de forma negativa da mulher negra é explorada na narrativa de forma crítica, a exemplo da história da personagem Ditinha. Mediante o olhar atento de Maria-Nova, ao observar as imagens e becos da favela, as necessidades, faltas e reivindicações da comunidade são aflorados. Nesse eterno ouvir, olhar e sentir, Maria-Nova soube dos segredos e ânsias de Ditinha ao ocupar um espaço fora da favela, ainda que esse espaço também fosse o privado. Também a partir da história dessa mulher, que as violências étnica, física e social sofridas pela mulher negra ficaram evidentes.

Ditinha morava em um dos barracos da favela, juntamente com os filhos, o pai paraplégico e a irmã prostituta. A miséria e a solidão para cuidar das coisas práticas da vida eram companheiras constantes nos dois pequenos cômodos do barraco. Assim como a maior parte das mulheres negras, Ditinha era empregada doméstica. Na “casa grande”, bairro nobre onde trabalhava, os elogios da patroa eram para o trabalho da mulher, que sentia o contraste entre ela e a patroa: “Como D. Laura era bonita! Muito alta, loira, com os olhos da cor daquela pedra de joias. (...) Olhando e admirando a beleza de D. Laura, Ditinha se sentiu mais feia ainda” (BM, p. 94).

São mediante comparações entre as duas mulheres que se dá o embate entre suas casas e aparências, já que a ideia de bonito ligada ao consumismo e a ideais de branqueamento perpassam o discurso: o bairro nobre e a favela, a casa e o barraco, uma bonita e a outra feia. Ao ocuparem o mesmo ambiente, Ditinha sentia-se incomodada: “Olhou-se no espelho e sentiu-se tão feia, mais feia do que normalmente se sentia” (BM, p. 93). A moça nem sequer se permitia possuir as joias, sapatos e roupas da patroa, já que não possuía “boa aparência”: “E se eu tivesse vestidos e sapatos e soubesse arrumar os meus cabelos? (Ditinha detestava o cabelo dela). Mesmo assim eu não assentaria com essas joias” (BM, p. 93). Os estereótipos de mulher feia, favelada, que não sabia se vestir nem mesmo se tivesse os desejados produtos de consumo, fazem Ditinha se sentir como uma mulher submissa e incapaz. Então, em um impulso, um furto, uma ação inconsciente – não sabia sequer o que fazer com a joia – leva-a para a prisão, um espaço relegado principalmente para a população negra: “E a vergonha?! Ela já tinha

tanta vergonha de Dona Laura. Julgava a patroa tão limpa, ela tão suja. E agora, ainda por cima, ladra” (BM, p. 111). Acerca do sentimento de inferioridade de Ditinha em relação à patroa, faz-se necessário algumas considerações acerca da problemática de raça no Brasil. A partir das reflexões de João Batista Pereira (2011) sobre da formação de consciência do negro na sociedade brasileira, é possível afirmar que desde sempre essa consciência negra foi marcada e demarcada pela ideologia dominante, que, negativamente, considerava o negro como inferior ao branco.

Esse olhar sobre o cotidiano de Ditinha, que se submete nos espaços privados por ela ocupados, será de suma importância na formação de Maria-Nova, uma vez que a menina será formada a partir de uma consciência negra que a liberta desse sentimento de inferioridade. De acordo com Santos (2004) o uso da expressão “consciência negra” requer ponderações: “Considero que a utilização da expressão ‘consciência negra’ queira denotar o desejo ou a expectativa de que a população negra saiba de si, de sua história, para que possa, a partir disso, sublevar-se contra uma ordem social opressiva e injusta” (p.78). Ou seja, essa consciência só acontecerá a partir do conhecimento. Observar vivências e violências físicas e simbólicas sofridas por outras mulheres negras auxiliam na consciência e no processo de empoderamento de Maria-Nova. Exemplo disso pode ser notado no final da narrativa, quando a menina aparece madura e consciente de sua cultura. Naquele momento, o desfazer as tranças diante de um espelho marca o empoderamento e a consciência do sujeito mulher-negra.

É preciso lembrar: Violência física e de gênero na casa de Fuizinha

Nesta trilha pelo cotidiano das pessoas da favela, o espaço privado de Fuizinha foi revistado. Gritos, choros e lamentos desvelam a intimidade dos moradores do barraco. Desnudadas as violências físicas e de gênero, aparecem duas mulheres humilhadas: mãe e filha. A mãe da menina, “passiva e temerosa” (BM, p.75), apanhou até a morte. De sua boca ouviu-se apenas gritos, até que em uma noite ela “silenciou-se de vez”.

A menina Fuizinha “crescia entre o choro e pancadaria” (BM, p. 75): “Ele era dono de tudo. Era dono da mulher e da vida. Dispôs da vida da mulher até a morte. Agora dispunha da vida da filha. Só que a filha, ele queria bem viva, bem ardente. Era o dono, o macho, mulher é para isto mesmo. Mulher era para tudo” (BM, p. 76). Aqui a violência física, simbólica e de gênero se fazem presentes, refletindo o sofrimento constante naquele barraco. O pai, aquele que deveria proteger, exige por meio da força e autoridade também o corpo da menina humilhada. Nesse processo, a menina passiva repete a conduta submissa da mãe.

Fuinha, o pai, é descrito como um homem comum: “Conversava, andava, falava, trabalhava normalmente. Aparecia no armazém de Seu Ladislau, (...) bebia uns goles de pinga, falava e até ria um pouco para alguns” (BM, p. 74). No entanto, descontava as frustrações cotidianas naquelas que possuíam menos força. Apesar de o nome do agressor, Fuinha, estar no diminutivo, a memória de Maria-Nova traz a força de sua violência. Certamente, era dentro de seu barraco que esse homem tornava-se grande, macho e viril e mostrava para todos, mediante a escuta de gritos das mulheres, a potência de sua masculinidade.

Nesse sentido, “pode-se observar que este tipo de violência sofrida pela personagem Fuizinha, que ‘aparece-nos nos mais diversos meios étnicos, sociais, religiosos e culturais em geral, constitui uma forma de *dominação* ou de imposição do *poder* da parte agressora sobre a vitimizada” (CANTERA, 2007 *apud* SOUZA, 2011, p.134), estabelecendo-se também como uma opressão etária. Essas mulheres submetidas e apassivadas são apontadas pela narradora-personagem, Maria-Nova, como vítimas da miséria do homem. Um tipo de “miséria que nem o amor de pessoas como Vó Rita, como Bondade e como Negro Alírio, que chegou ali bem mais tarde, podia resolver” (BM, p. 74). Ou seja, embora várias pessoas tivessem tentado intervir, a humilhação e a violência persistiam.

Nessa situação, o processo de construção de homens e mulheres deve ser problematizado. Em seus apontamentos a respeito da constituição essencializadora dos papéis de gênero ao longo da história humana, Matos sublinha que “(a) construção de gênero baseada em características biológicas acaba por definir homens e mulheres como categorias naturais, essencializadas, resistentes às forças arbitrárias da cultura, da história e da pessoa” (1999, p.20). *Becos da Memória* abre-se enquanto narrativa que problematiza essas relações, pois o machismo não foi representado como algo natural ou biológico, já que se infere a masculinidade dominadora e violenta como algo construído, que poderia ser modificado, ao se sublinhar a violência de gênero enquanto falta de amor ou como um tipo de miséria humana.

Nesse sentido, pode-se considerar que a narração do passado feita por Maria-Nova, por meio da articulação de suas memórias com as de outros moradores da favela, mediada pela observação do cotidiano, auxiliam na construção de sua subjetividade enquanto problematizadora das relações sociais que ocorreram na favela, durante a sua juventude. Sendo assim, constantemente reveem-se conceitos e pontos de vistas, influenciados pelo meio social e cultural.

Em “Memória individual e memória coletiva”, Halbwachs propõe que as lembranças individuais estarão sempre atravessadas por memórias coletivas, uma vez que “jamais estamos sozinhos” (2003, p. 30). Mesmo que essa influência da coletividade não aconteça por meio de pessoas fisicamente próximas, de nosso convívio, ela poderá também ocorrer através de leituras, ou observações das atitudes de membros de grupos. Nesse processo, constrói-se uma memória coletiva de uma localidade em crise, ao se narrar histórias privadas de submissão, opressão e violência étnica, etária, de gênero e de classe, como de Ditinha e Fuizinha. E a narradora-personagem Maria-Nova percebe que outra história seria possível, mas para isso seria necessário re-contar a história e (re)nascê-la, mediante a construção de uma nova história, permeada pela constatação da dura realidade vivida, mas marcada pelo desejo de transformação dessa mesma realidade.

Dora: emancipação e liberdade

Pelos becos da favela, a casa de Dora também é observada: “Seu barracão era bem na esquina de um beco que se bifurcava em três becos que originavam outras ruelas. Passar na porta de Dora era um caminho obrigatório para quase todos” (BM, p. 85). Diferentemente das demais mulheres, a dona desse barracão era uma mulher bastante independente, dona de seu corpo e, por conseguinte, dona de sua vida: “Aprendeu cedo a deixar a passividade da mulher que só recebe a mão do homem sobre si e começou a vasculhar o corpo dos homens” (BM, p. 87).

Ao narrar seu passado para seu novo parceiro, Negro Alírio, Dora abre a cortina sobre o seu passado, apontando seus desejos e escolhas, sem autocensuras. Contando apenas com a memória oral, antes de dizer seu nome, essa mulher traz à luz suas “vivências”. Os fatos vêm rápidos, sem rodeios, engasgos ou confrontos, como um fluxo de consciência. “Contava isto a Negro Alírio como contava tudo de sua vida: a fome, o pai que um dia saía de casa e nunca mais voltara, o espanhol rico que queria casar com ela” (BM, p. 87). A memória traz as experiências do passado, que possibilitaram a construção da mulher alegre, que “ria feliz”.

Essa mulher, nesse contar e recontar, lembrou-se do menino que tivera e entregara para o pai. Na ocasião, “Dora não queria nada, nem casar, nem ter filhos, nem barriga. Dora não queria nada. Deitou-se aquele dia e deitava sempre, apenas querendo o prazer. Entregou o menino para o homem e saiu daquela casa. Continuou a vida, era feliz” (BM, p. 88). Negro Alírio, ao ouvir a história contada, não compreendia o desapego

da mulher em relação ao filho. No entanto não julgou, pois se lembrou de que ele também já tivera relacionamentos muitas vezes apenas buscando prazer.

Aqui, mais uma vez na narrativa de *Becos da Memória* a construção do papel da mulher como mãe é problematizada, visto que o lugar de gênero reservado à mulher essencializaria seu papel como mãe devotada. No entanto, Negro Alírio, como homem que “sabia ler o que estava escrito e o que não estava” (BM, p. 135), reconheceu o que Dora era e não o que deveria ser, visto que ele também, enquanto indivíduo, já agira de modo semelhante: “Se bem que ela até que tinha suas razões. Ele mesmo já se deitara com tantas mulheres, só buscando o amor, só buscando o prazer. Filho quase sempre vem sem querer. E a mulher sempre carrega tudo. Carrega a barriga e as dificuldades” (BM, p. 88). Diante disso, infere-se do discurso de Negro Alírio que filho deveria ser uma escolha também para a mulher, principalmente ao considerar a realidade das mulheres da favela, que assumem, muitas vezes completamente sozinhas (como foi o caso de Ditinha), as consequências físicas, sociais e emocionais da maternidade, na maioria das vezes inesperada e desesperada.

Considerando-se os vários relatos de *Becos da Memória*:

Várias são as histórias de violência que nos chegam através de pequenos relatos de vida de algumas personagens moradoras da favela. São histórias de personagens como Vó Rita, Cidinha-Cidoca, Maria-Velha, Maria-Nova, Dora Mãe Joana, Fuizinha, Custódia, Filó Gazogênia – que trabalham como empregadas domésticas, lavadeiras, passadeiras, prostitutas. Mulheres generosas, chefes de família, que lutam para criar suas proles; outras abortam, abandonam ou perdem seus filhos. ‘Algumas sofrem intensa violência, dos maridos, pais, da sogra. Algumas são generosas, poucas são felizes. São todas personagens femininas que atualizam, em suas histórias de vida e em seus próprios corpos, uma relação repetidamente evocada na narrativa: a aproximação entre senzala e a favela’” (SOUZA, 2011, p. 128).

Conforme constatado pela pesquisadora, a violência cotidiana que assola a realidade sofrida de diversas personagens da favela atualiza uma atrocidade do passado, aproximando senzala e favela. No entanto, embora a personagem Dora em um primeiro momento apareça simbolizando a mulata sensual, tão explorada na literatura, ela sinaliza

a desconstrução de estereótipos negativos da mulher negra e aponta para a elaboração de uma nova história, afinal Dora é a única personagem que se mostra independente e emancipada.

Considerações Finais

De acordo com Halbwachs, “uma ‘corrente de pensamento’ social normalmente é tão invisível quanto à atmosfera que respiramos” (2003, p.46). No livro *Becos da Memória*, essa corrente se concretiza no desejo de mudança expresso por Maria-Nova. A menina, que também sofria de banzo, acolhe as histórias dos seus na promessa da escrita e de construção de uma história outra. Para isso, o conselho de tio Tatão foi primordial, pois o acolhimento dessa memória coletiva só seria possível através do uso dos sentidos, já que sua comunidade ainda não possuía uma tradição de escrita de uma “narrativa própria”, que Maria-Nova pudesse retomar e continuar.

Refletindo, a partir das considerações de Glissant (2005), e retomando a imagem do “homem nu”, pode-se considerar que a narradora ao contar a história de seu povo, “despojado de tudo”, inclusive de um lugar para morar, “recompõe através de *rastros/resíduos*” (p. 19) a sua história e a de seu grupo por meio da memória, visto que a construção de uma nova e outra História, que os considerasse, se fazia urgente e necessária.

Nesse sentido, o processo de escrita aparece como elemento fundamental: “um dia, ela haveria de narrar, de fazer soar, de soltar as vozes, os murmúrios, os silêncios, o grito abafado que existia, que era de cada um e de todos” (BM, p. 161). Havia uma manutenção de uma tradição oral, uma vez que foi através dela que Maria-Nova ouviu traços pontuais da história de negros. No entanto, tais ecos, lembranças e memórias estavam ameaçados de se perderem definitivamente, com a destruição da favela – espectro que assombra a narrativa de *Becos da Memória*.

No processo de demolição dos barracos e dos becos, as histórias dessas mulheres, negras e pobres, cujas famílias e redes sociais já são esgarçadas, seriam definitivamente desarticuladas e, quase certamente, esquecidas. Ao se propor a escrever essas histórias cotidianas, narrativas orais, memórias individuais e coletivas, a jovem-narradora-personagem-escritora busca manter e conservar essa história que se perderia com a eminente derrubada dos últimos barracos da favela e o consequente deslocamento, que dispersaria os habitantes para regiões distantes da cidade.

No entanto, embora haja um discurso no livro relativo à importância da leitura, da escrita e do conhecimento, enquanto sinônimos de libertação (sim, afinal a escrita

aparece como meio para a manutenção de uma tradição!), a personagem Dora aparece como figura candente, sinalizando a importância do conhecimento do mundo, da conquista de uma subjetividade forte, através de experiências vividas. A mulher, independente e emancipada, que “sempre podia ser feliz”, não era alfabetizada, mas certamente sua condição liberta era fruto de um “letramento social”, possível para poucas mulheres da favela.

Considerando a importância da manutenção da memória de experiências cotidianas para a conquista da emancipação da mulher negra e pobre, *Becos da Memória* apresenta um olhar direcionado por uma jovem narradora para o espaço privado de algumas personagens femininas da favela. Esse olhar sobre o espaço privado, observando sobretudo histórias de dor, opressão e violência, constitui-se elemento primordial na articulação da narrativa. Nesse olhar sobre o privado, não se busca sacralizá-lo, bem como o que ele envolve, mas se tenta politizar o cotidiano e problematizar o espaço doméstico, como um lugar de luta contra as diversas violências que perpassam o cotidiano da mulher negra – violências de gênero, de classe, étnica e etária, entre outras, conforme observei no cotidiano de Ditinha e Fuizinha.

Nesse processo, percebe-se na escrita da mulher negra uma tentativa de compartilhar e questionar, através da escrita, a violência presente em tantas experiências do cotidiano dessas mulheres negras e pobres: “ela é, portanto, não apenas testemunha daquilo que relata, mas também depositária da experiência dos seus – e a sua escrita se faz, então, mais uma vez, espaço de luta e de empoderamento” (DALCASTAGNÈ, 2014, p. 296). A partir das reflexões da pesquisadora Dalcastagnè e da narradora-personagem Maria-Nova, de *Becos da Memória*, acredito que esta consciência de si e de grupo, elaboradas mediante a escrita, poderá impulsionar várias das escritoras afro-brasileiras.

Diante disso, pensar o espaço privado nessa obra possibilitou refletir e ponderar quanto a possíveis contribuições de escritoras afro-brasileiras para compreender as demandas e os impasses que perpassam a questão étnico-racial-gendrada no Brasil, já que as relações assimétricas de poder, entranhadas no espaço privado, refletem-se no espaço público, mantendo os afro-brasileiros vinculados a lugares restritos, condicionados e determinados.

Em uma re-atualização da história, a narradora-personagem Maria-Nova constitui-se enquanto nova guardiã de memórias e problematizadora de situações de dominação e de opressão cotidianas. Ela relaciona os acontecimentos e, ao mesmo tempo, recompõe fragmentos de histórias privadas de dor, de violência, de sofrimentos, mas também de possíveis alegrias e de emancipação. Focaliza histórias e memórias de mulheres negras e

pobres, não consideradas pela história, mas que agora serão retransmitidas, não apenas pelos narradores orais, porque serão perpetuadas e estarão guardadas para todos que quiserem e puderem ler. Isso devido à escrita por Maria-Nova das histórias privadas e do cotidiano que latejam nos *Becos da Memória*.

Bibliografia

ALVES, Miriam. **Brasil Afro autorrevelado**: Literatura Brasileira contemporânea. Belo Horizonte: Nadyala, 2010.

DALCASTAGNÈ, Regina. Para não ser trapo no mundo: As mulheres negras e a cidade na narrativa brasileira contemporânea. In: **Estudos de literatura brasileira contemporânea**, Brasília, n. 44, jul./dez. 2014, p. 289-302.

FIGUEIREDO, Fernanda Rodrigues de. **A mulher negra nos Cadernos Negros**: autoria e representações. Dissertação de Mestrado ao Programa de Pós-Graduação em Letras. Belo Horizonte: Faculdade de Letras da UFMG, 2009.

EVARISTO, Conceição. **Becos da memória**. Belo Horizonte: Mazza Edições, 2006.

EVARISTO, Conceição. Da grafia-desenho de minha mãe, um dos lugares de nascimento de minha escrita. In: ALEXANDRE, Marcos Antônio (Org.). **Representações performáticas brasileiras**: teorias, práticas e suas interfaces. Belo Horizonte: Mazza, 2007, p. 16-21.

GLISSANT, Édouard. **Introdução a uma poética da diversidade**. Juiz de Fora: Editora da UFJF, 2005.

HALBWACHS, Maurice. Memória individual e memória coletiva. In: _____. **A memória coletiva**. Tradução Beatriz Sidou. São Paulo: Centauro, 2003, p. 29-70.

HOOKS, Bell. Intelectuais Negras. Trad. Marcos Santarrita. In: **Estudos feministas**, ano 3, n.2, p.464-478, 1995. Disponível em: <www.ieg.ufsc.br/admin/downloads/.../10112009-123904hooks.pdf>. Acesso em maio de 2015.

MATOS, Sônia Missagia. Repensando Gênero. In: AUDA, Sylvia. **Mulher - Cinco Séculos de desenvolvimento na América**. Belo Horizonte: CREZ, 1999.

PEREIRA, João Baptista Borges. Diversidade e pluralidade: o negro na sociedade brasileira. **Revista USP**, n. 89, p. 285-291, 2011.

SANTOS, Gislene Aparecida dos. **Mulher negra, homem branco**. Rio de Janeiro: Pallas, 2004.

SOUZA, Adriana Soares de. **Costurando um tempo no outro**: vozes femininas tecendo memórias no romance de Conceição Evaristo. Dissertação de Mestrado apresentada ao programa de Pós-graduação em Literatura. Santa Catarina: 2011.

SOUZA, Florentina. Autorrepresentação e intervenção cultural em textualidades afro-brasileiras. In: **Revista da ABPN**, v. 1, n. 2 – jul.-out. de 2010, p. 183-194.